

**“O DECANO DOS MESTRES CAMPINENSES”:
CLEMENTINO PROCÓPIO E
A MODERNIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM CAMPINA GRANDE – PB NO
INÍCIO DO SÉCULO XX**

Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento

Docente do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG

Ronyone de Araújo Jeronimo

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG

Alexandro dos Santos

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo analisar a atuação do professor Clementino Procópio enquanto um Intelectual que contribuiu para a modernização da educação na cidade de Campina Grande – PB no início do século XX. A documentação consultada consta de revistas de circulação local a exemplo da Revista Evolução produzida pelo Instituto Pedagógico entre os anos de 1931 e 1932, o jornal A União (1896-1935), livros de cronistas e memorialistas. As fontes aqui analisadas tratam da figura do professor Clementino Procópio como um dos primeiros intelectuais responsável pela disseminação da cultura e modernização da educação na cidade. O aporte teórico-metodológico apoia-se nas contribuições de Sirinelli (2003) que pensa a atuação dos intelectuais na sociedade tendo por base seus instrumentos de intervenção e participação.

Palavras-chaves: Intelectual; Educação; Campina Grande.

**"DEAN OF MASTERS CAMPINENSES":
CLEMENTINO PROCÓPIO AND
THE MODERNIZATION OF EDUCATION IN CAMPINA GRANDE - PB OF
THE CENTURY INITIATION XX**

ABSTRACT:

This paper has an objective analyse the atuation of the teacher Clementino Procópio as an intelectual who contributed to the modernization of the education in the city of Campina Grande – PB in the early of XXth century. The searched documentation came from local magazines, as *Revista Evolução* produced by

the Instituto Pedagógico between 1931-1932, the *A União* (1896-1935), and memorialists/chroniclers books. The reference sources analyzed here makes the teacher Clementino Procópio as one of the first intellectuals responsible to the dissemination of culture and modernization of the education in the city of Campina Grande – PB. The theoretical-methodological contribution come from Sirinelli's (2003) contribution, who thinks the actin of intellectuals in society taking as a base their tools of intervencion and participation.

Keywords: Intellectual; Education; Campina Grande.

O presente trabalho tem por objetivo analisar o papel desempenhado pelo Intelectual Clementino Procópio no processo de modernização pela qual passou a educação em Campina Grande nas três primeiras décadas do século XX, dedicando sessenta anos de sua vida a instrução da mocidade campinense.

Enquanto cidadão que viveu as experiências cotidianas da cidade de Campina Grande do final do século XIX ao começo do XX, Clementino Procópio pode ser definido como um Intelectual atento a tudo que acontecia de novo na sociedade. Para podermos acompanhar o papel desenvolvido por esse Intelectual, é preciso que conheçamos um pouco das transformações que a sociedade campinense vivenciava nesse período histórico. Para Sirinelli (2003: 242-243) o conceito de Intelectual tem um “caráter polissêmico” e um “aspecto polimorfo”. Dessa forma:

[...] existem duas acepções do intelectual, uma ampla e sócio-cultural, englobando os criadores e ‘mediadores’ culturais, a outra mais restrita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou ‘mediadores culturais’ em potencial, e ainda outras categorias de ‘receptores’ em potencial, e ainda outras categorias de ‘receptores de cultura’. [...] Estes últimos podem ser reunidos em torno de uma segunda definição, mais estreita e baseada na noção de engajamento na vida da cidade como ator – mas segundo modalidades diferentes [...].

A partir das colocações de Sirinelli, podemos definir Clementino Procópio como pertencendo as duas categorias de Intelectual citadas acima, por ter sido ele, um homem preocupado com a cultura, por ter escrito textos jornalísticos para jornais de circulação local, e por ter sido um educador e político preocupado com as causas educacionais. Também foi um Intelectual de engajamento, participando de atos jurídicos e políticos, fazendo com que seu nome fosse respeitado e admirado em meio a sociedade campinense. A característica mais importante desenvolvida pelos intelectuais é o papel que os mesmos desempenham na sociedade (SILVEIRA, 2012: 4).

A gênese do campo intelectual brasileiro se reporta ao final do século XIX e início do século XX, as principais ideias que norteavam o pensamento desses intelectuais vinham “importadas” da Europa, principalmente das ideias Comtianas e do liberalismo. Essa época é marcada por forte efervescência política, social e cultural, afetando diretamente na maneira de nossos intelectuais ver e pensar o mundo. As transformações da virada de século contribuíram para que ocorressem mudanças no mercado de trabalho dos intelectuais, que mesmo sendo dependentes de instituições para adquirir capital financeiro, e relações sociais, passam cada vez mais a sofrer os trunfos escolares e culturais, que contribuiu para a concorrência do campo intelectual, surgindo dessa forma diferentes “tipos” de intelectuais pertencentes às diferentes classes e portando as mais diversas opiniões. E “É em meio a toda essa agitação que surgem os intelectuais brasileiros” (SILVEIRA, 2012: 6).

Se um novo tempo se instaurava no Brasil, em Campina Grande também não seria diferente. A cidade viu no início do século XX o momento ideal para experimentar significativas transformações no que concerne a modernização característica dos grandes centros urbanos do país no período, essa ‘era do novo’ que teve por base os projetos educacionais (ANDRADE, 2014: 22), foi sentida nas maneiras de ensinar, nos novos materiais didáticos, e na estrutura e arquitetura das escolas. Clementino Procópio foi um dos primeiros intelectuais

da cidade preocupados com a melhoria do ensino. Durante as primeiras décadas do século XX, Campina Grande, vivenciou inúmeras reformas urbanas, que visavam não só às mudanças estruturais no centro da cidade, mas que tinham também a finalidade de “reparar o seu povo”, prepara-los para vivenciar as novas realizações proporcionadas com o advento da modernidade.

Diante desse novo contexto que girava em torno de tudo que parecia como sendo o ‘novo’ as sensibilidades foram cada vez mais escolarizadas, moldadas e disciplinadas a esse novo viver moderno. Marsahall Berman (1986: 13), atribui que a vida do sujeito moderno é repleta de paradoxos e contradições. Na sociedade contemporânea ser moderno, era se sentir fortalecido pelas organizações burocráticas que detinham o poder de “controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo”.

Destarte, a maior parte dos discursos publicados na imprensa a respeito de aspectos envolvendo conteúdos ditos modernos foram projetados por uma elite intelectual. Em torno desses discursos projetados, estava uma Campina Grande desencantada, que com todas as reformas urbanas realizadas em torno do seu centro comercial e de um sentimento de cosmopolitismo que sonhado por sua elite financeira, não conseguia atrair todos os seus habitantes para fazer parte de um objetivo comum, “seu crescimento urbano” (ANDRADE, 2014: 31). Essa imagem de uma cidade grande, desenvolvida e em constante progresso, foi criada por uma elite Intelectual que buscava materializar em seus discursos a ‘evolução’ econômica pela qual passava a cidade, como um fenômeno que atingia todos os seus habitantes (CABRAL FILHO, 2009).

Campina Grande durante esse momento histórico, presenciou em seu cotidiano inúmeras inovações em equipamentos urbanos, transportes e comunicações. A elite campinense presenciou a circulação de determinados “*símbolos do moderno*”, que modificaram o espaço urbano da cidade. Esses

“*símbolos modernos*” eram equipamentos urbanos, de uso coletivo, últimas novidades produzidas no estrangeiro adotados por algumas cidades brasileiras. Essas novidades estão materializadas, nos transportes e comunicações (sistemas telegráficos, telefônico, ferroviário etc.), na adoção de equipamentos de higiene e/ou conforto (sistemas de água encanada e/ou esgotos, sistemas de iluminação pública e privada, etc.), na construção de prédios ou logradouros públicos destinados ao lazer (parques, praças ou passeios públicos) (ARANHA, 2003: 67). Poetas, cronistas, políticos, médicos, advogados, educadores idealizaram Campina Grande, como sendo a cidade mais desenvolvida do Estado e uma das mais modernas do Nordeste, em se tratando da incorporação de tais “*símbolos do moderno*”, chegando a ser comparada a grandes cidades da Europa, como Liverpool e Nova York nos Estados Unidos. “O aspecto grandioso de Campina Grande, impõe-se, é verdade, a rotina do forasteiro, e mesmo à daquele que quotidianamente aqui vivem preocupados com os seus misteres materiais” (REVISTA EVOLUÇÃO, Nº, 1931, p. 1).

As mudanças que a cidade vivenciava constatava com alguns aspectos tradicionais de seus moradores, que disputavam o mesmo espaço: carros, caminhões e carroças puxadas por bois e burros. Um dos principais fatores do desenvolvimento econômico de Campina Grande foi o comércio realizado na feira de cereais e de gado, mas principalmente por ter sido o segundo maior polo de escoamento da produção algodoeira para o exterior nas primeiras décadas do século XX. “Sua localização e sua ligação por meio da via férrea com Recife possibilitaram à cidade um crescimento em ritmo diferenciado com relação a outras cidades paraibanas” (SILVA, 2011: 26). Religiosos, comerciantes, imprensa nacional e estadual elaboraram uma cidade atraente, com um próspero ‘futuro’, pensamentos justificados pelas condições em que se encontrava a *urbe* e graças à sua localização geográfica o que possibilitava o contato com outras cidades, tornando-a influente no compartimento da Borborema e referência no sertão do Estado.

A cidade estava entre as mais desenvolvidas do Nordeste, e na época o principal centro exportador de algodão do Brasil. Segundo Epaminondas Câmara (1998: 122), em Campina Grande,

O comércio consolidou-se com o advento do automóvel. Os caminhões substituíram não somente a carroça de boi, mas também as tropas de burros, que centenas, entravam, diariamente na cidade. Desenvolveu-se o mercado por atacado que, aos poucos, foi se localizando na Rua da Areia. A indústria local também tomou incremento com o fabrico de camas de ferro, malas, sabão, móveis, facas de pontas, redes, etc. e com as usinas hidráulicas de prensamento de algodão.

Automóveis e fábricas constituíam nesse momento novos *símbolos da modernidade*, que ao lado das tropas de burros e das demais formas artesanais de produção apresentavam-se como “novo”. Em um ambiente dominado por novidades, a sensibilidade moderna inferiu em novas maneiras de usar e ver a cidade, de sentir o território urbano. Diante das modificações do espaço urbano e do desenvolvimento econômico, Campina Grande tornou-se atraente aos forasteiros vislumbrados pelas possibilidades oferecidas em seu centro comercial. Recebendo novos moradores, a cidade tinha seus becos, ruas e vilas multiplicadas, tornando a vida dos sujeitos movimentada e cheia de novidades (ARAÚJO, 2010: 26). A população da cidade aumentava com as constantes estiagens. A chegada constante de novos imigrantes que vinham do sertão fugidos das secas periódicas que assolavam o Estado, contribuíam para o aumento populacional da cidade.

Em torno do desenvolvimento pelo qual passava, a cidade “apresentava sensível modificação na sua arquitetura, na qual tornou-se evidente a presença de hotéis, lojas e sobrados azulejados ornamentados, com fachadas altas, janelas e portas altas decoradas com vidros e detalhes” (NASCIMENTO, 1997: 69). Junto a todas essas transformações Campina Grande, vivenciava

significativas mudanças em seu cotidiano, principalmente nos assuntos relacionados a economia e a política.

As mudanças que a cidade vivenciava vinha a implicar na maneira dos pais educarem seus filhos. Era urgente a implantação de novas práticas pedagógicas que tirassem dos futuros cidadãos campinenses, hábitos tidos como incivilizados, atrasados, arcaicos, sujos, anti-higiênicos, o que não cairia bem para moradores de uma cidade que buscava se apresentar diante dos grandes centros civilizados do Brasil, como era o exemplo da capital da Republica, o Rio de Janeiro, enquanto moderna e civilizada, aberta as novas demandas de um mundo em constante transformação. Todavia, o contexto social que o professor Clementino Procópio encontrara em Campina Grande, nos últimos anos do século XIX era bem diferente. Nas palavras de Terceiro Neto (1999: 202):

Em 1877, quando uma seca cruel castigou todo o nordeste, o jovem professor Clementino Procópio retirou-se de Taperoá para Campina Grande. A escola ficou vazia. Em Taperoá e circunvizinhança não havia um só menino a estudar. Famintos e sedentos, os guris transformaram-se em retirantes e mendigos. Não foram poucos, adultos e crianças, a morrer de inanição, tal como aconteceu com os animais.

Montado no lombo de um burro chegava à cidade de Campina Grande o jovem professor Clementino Procópio, que para os moradores locais que observaram atentos a sua chegada, seria mais um refugiado da seca que assolava a então área que engloba atualmente a região Nordeste. O professor fixara residência na cidade, e logo tratara de fundar uma casa de ensino no ano posterior.

Clementino Procópio seguira um percurso que muitos sertanejos paraibanos fizeram nesse período de estiagem. Cansados de tanto esperar e

temendo a morte que exalava o seu cheiro funesto sobre os sujeitos famintos e sedentos que esperavam um milagre advindo do céu, para não deixar os seus povoados. Só que do céu, só avistavam urubus atraídos pelo cheiro da morte que aqueles pequenos lugarejos emanavam. Em busca de luz, só restava para o sertanejo caminhar, abandonando a sua terra e deixando para traz a saudade de sua terra natal, em busca de novas paragens que pudessem os acolher. No caminho desses sujeitos que fugiam da fome que a seca provocava, encontravam Campina Grande, que não era uma “Canaã”, nem tão pouco um “Oásis” no meio do deserto. Tratava-se de uma recente cidade que deixara a pouco tempo de ser vila.

De acordo com Câmara (1998: 43), Campina Grande vivenciou desde o início de sua povoação, em finais do século XVII um processo de desenvolvimento contínuo que se prolongou até a elevação da mesma a Vila em 1790. Após se tornar Vila, Campina Grande vivencia um período de estagnação que influencia no seu desenvolvimento. É tanto que, perante as demais vilas existentes na Capitania da Paraíba no início do século XIX, Campina Grande era a menos desenvolvida. Epaminondas Câmara afirma que um dos motivos desse retrocesso foi a concorrência comercial do principal sumo alimentício produzido na vila:

A farinha sofria a concorrência da grande feira do brejo de Areia, ao mesmo tempo que a vila do Icó tornava-se o maior interposto comercial das regiões limítrofes de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Enquanto Icó desviava almocreves em seu benefício, Areia atraía os tropeiros do Seridó, do curimataú e duma parte do Cariri Velho.

A vila de Campina Grande sofreu com a diminuição dos transeuntes que frequentavam a feira ali localizada para se deslocar a Feira de Areia que naquele momento, no século XIX era mais atraente. Campina Grande, que tinha se desenvolvido em função de estar localizada em um ponto estratégico da

Capitania da Paraíba, aproveitou os recursos que tinha para desenvolver a economia da localidade. O comércio gerado pela criação de gado pelas fazendas e as pequenas lavouras de subsistência gerou “a conjunção fazenda-lavoura fomentando a feira de gado e de cereais” (SILVA, 2000: 19). Essa conjunção elevou a condição de Campina Grande de povoado à Vila. Porém, a ascensão de Areia no século XIX, afeta Campina Grande economicamente. Sobre este aspecto Epaminondas Câmara (1998: 43), destaca que:

Apesar da vida política acidentadíssima, Areia venceu Campina comercialmente e granjeou brilhante predomínio em todo interior, não somente neste particular, mas também nas letras e na educação dos seus filhos. A hegemonia areiense foi a principal razão do estacionamento urbanístico e comercial de Campina.

Esse predomínio que Areia apresentava, fará com que a mesma seja elevada à categoria de Cidade em 1846. Sendo a primeira das vilas do interior a se tornar cidade. Dentro desse cenário como Campina Grande conseguiu ser elevada à cidade, se a mesma era afetada economicamente com ascensão de Areia? A resposta para essa interrogação se dar em circunstância dos proprietários de terras campinenses, que apesar do retrocesso vivido pela vila no século XIX, ainda possuía influência política para reivindicar da província da Paraíba a elevação da Vila à cidade. É a partir dessas reivindicações advindas dos grandes proprietários que Campina Grande consegue a elevação da categoria de cidade em 1864. Para Silva (2000: 19):

Ao conquistar Campina Grande sua autonomia política pela lei provincial de nº 137, datada de 11/10/1864, concretizaram-se as reivindicações daqueles que dominavam. Conquanto fosse efetivada a legalização em favor de Campina, estava longe de preencher os requisitos e as funções inerentes a uma cidade.

A autora aponta que Campina Grande não possuía estrutura para ser elevada à Cidade em 1864. Todavia, os interesses de proprietários rurais com influência política na província da Paraíba se sobrepuseram diante das condições oferecidas pela nova cidade do interior que só possuía quatro ruas no momento de sua elevação. A estrutura política de Campina Grande foi fundamental para elevação da vila a categoria de cidade. É nesse ambiente mais de uma década depois, que o professor Clementino Procópio e outros refugiados da seca chegavam a terras campinenses.

De acordo com Procópio (1962) Campina Grande foi o destino dos muitos refugiados da seca em razão da cidade sediar o auxílio advindo do Imperador D. Pedro II para amenizar os efeitos da estiagem. Novamente observamos a influência da política campinense na província da Paraíba, que outrora já tinha conseguido sua emancipação política mesmo sem ter estrutura para isso, e conseguiu fazer com que chegasse a cidade recursos nacionais para combater os efeitos provocados pela estiagem. Todavia, essa responsabilidade assumida por Campina Grande afetaria a população da cidade, que aumentaria consideravelmente em um ano. Segundo Silva Filho (2005) eram mais de mil emigrantes até julho de 1877, o custo de vida da população campinense tinha aumentado, a partir desse rápido crescimento demográfico pela qual a cidade passou.

Enquanto isso, parte dos recursos enviados pelo Imperador D. Pedro II para combater a estiagem foi utilizado, para iniciar as obras do paço municipal ao lado da igreja de Nossa Senhora da Conceição e da cadeia municipal (Atual Praça Clementino Procópio) ao lado da Igreja Nossa Senhora Rosário. Para o intendente municipal dessa época o Dr. Antônio da Trindade Antunes Meira Henriques essa era uma das formas de gerar emprego para os refugiados da seca (SILVA FILHO, 2005). No caso do professor Clementino Procópio, foi diferente, pois este teve a proteção do senhor Joaquim Viera de Araújo Correia que o acolheu na cidade e ofereceu condições para que o mesmo realizasse no

ano posterior sua aula inaugural. Era dessa maneira que o jovem retirante, advindo do povoado do Batalhão (Atualmente Taperoá-PB) iniciaria sua trajetória como educador e galgando relativo prestígio social.

Clementino Procópio: um Intelectual a serviço da Educação Campinense

É importante destacar que o professor Clementino Procópio tinha dificuldades em manter ininterruptamente as aulas que ministrava aos jovens da cidade. Em decorrência da vida pública conturbada que o Intelectual possuía em razão do seu engajamento político, em algumas ocasiões, o docente foi obrigado a fechar a escola São José, para defender os seus interesses e o de terceiros, em circunstância de ser bem requisitado pelos sujeitos que compunham parte da sociedade campinense. Apesar de todas as adversidades encontradas pelo professor Clementino Procópio para exercer o magistério em decorrência das várias funções que este acumulou nas primeiras décadas de residência na cidade Campina Grande, este nunca abandonara o seu primeiro objetivo, o de ser um educador preocupado com uma educação de qualidade. É tanto que o estabelecimento de ensino fundado pelo docente em terras campinense em 1878 só encerraria a suas funções em 1932, em virtude da idade avançada do professor que faleceria alguns anos depois. Vale salientar que nessa época era adotado o modelo educacional que exigia somente de um mestre, e sobre esse assunto a educadora Julieta Lamarão (2011: 28) afirma que:

No final do séc. XIX, a educação pública ainda não estava estruturada por um sistema formal de ensino. A prática pedagógica era exercida em diversos tipos de escola, muitas vezes dispersas e isoladas, onde um mestre-escola assumia sozinho o ensino de um grupamento de alunos de diferentes níveis de escolarização. Desde a Independência, a necessidade de difusão da educação como base para a construção e o progresso da nação já era consenso.

Esse modelo educacional seria substituído na república pelos grupos escolares que abrigariam, em seus prédios, diversas classes, dividindo os alunos pelo o nível de escolarização. O município de Campina Grande só receberia esse tipo de instalação em 1924, quando ocorre a inauguração da escola Sólon de Lucena, primeiro grupo escolar público da cidade. Antes do surgimento dessa escola, o ensino público em terras campinense ainda dependia dos mestres-escolas. Tanto a rede pública quanto a particular da cidade no começo do século XX, era formada na sua maioria por estabelecimentos de ensinos ministrados por mestres-escolas. Entre esses mestres estava Clementino Procópio, que ao longo dos anos que esteve à frente do magistério exerceu esse modelo. Logo, podemos perceber os motivos do professor ter de fechar o seu estabelecimento de ensino quando era requisitado para defender os interesses do partido conservador na cidade.

Esse era um dos impasses da vida pública conturbada do docente que, em muitas ocasiões os seus alunos ficaram sem assistir aula por diferentes motivos que iriam desde o seu trabalho como rábula no fórum até passar alguns dias preso na cadeia, por desacatar uma autoridade municipal em decorrência da vida política que exercia. A carreira no magistério sofreu por algum tempo os efeitos da vida pública do professor Clementino Procópio o saldo não foi totalmente negativo, já que o educador conseguira a partir dessas relações ser nomeado em “concurso público” pela província da Paraíba para professor de primeiras letras na cidade em 1888, sendo dessa forma criticado pelo discurso jornalístico do principal meio de comunicação de Campina Grande na época, a Gazeta do Sertão.

O “Conservador” e “Monitor” deffendendo a Administração pele infeliz nomeação do Professor Publico desta cidade, sensurada pela “Gazeta da Parahyba”, attribuem-me qualidades indignas por demais para serem explicadas, ao mesmo tempo que rodeiam o nomeado de conceitos que o collocam superior a

redacção de qualquer de ditos periódicos Sic.). (JORNAL GAZETA SERTÃO, 1888: 10).

Apesar das críticas proferidas pelo discurso da Gazeta do Sertão que apresentava argumentos contra o professor Clementino Procópio (um dos ferrenhos adversários do partido liberal na cidade a qual os editores do jornal eram filiados), os concursos públicos para o magistério até 1889 existentes na província da Paraíba necessitavam apenas que os candidatos soubessem ler, escrever e contar (PINHEIRO, 2002). Dominando essas três qualidades os concorrentes estavam habilitados para exercer o cargo, o problema era que muitos postulantes aos cargos que eram aprovados não possuíam capacidades para a carreira no magistério. A escolha do professorado partia do patronato que presidia esses concursos, nem sempre os melhores passavam, o postulante a professor público, tinha que ter um padrinho forte na política da província para conseguir ser aprovado para compor o quadro de servidores públicos da Paraíba. Muitos sujeitos que conseguiram ser aprovados nesses concursos buscaram o magistério por não ter conseguido outro emprego em uma repartição pública, depois de aprovados alguns desses professores não se aplicavam na função que tinha sido designado por nomeação, permaneciam em sala de aula apenas para receber a sua remuneração (PINHEIRO, 2002). Esse não seria o caso do professor Clementino Procópio que já exercia a profissão antes mesmo de fixar residência na cidade.

A crítica feita pelo Jornal Gazeta do Sertão sobre a nomeação do professor tem seus fundamentos sobre a maneira pela qual que era realizado o concurso. Todavia, a mocidade campinense necessitava de um sujeito que exercesse o magistério que não estivesse disposto apenas em receber o seu ordenado pelo cargo em que ocupava. Quem saíria perdendo com isso eram as crianças de Campina Grande que não teriam um professor à altura de suas necessidades como estudantes. Tendo em vista que o professor Clementino Procópio possuía um espírito alto de orientação pedagógica, logo esse possuía

capacidade para instruir o alunado campinense que viesse a se matricular, na cadeira isolada de primeiras letras (ANUARIO DE CAMPINA GRANDE, 1925: 52). O cargo que o educador assumira era vitalício, contudo, só durou quatro anos, pois, da mesma maneira que a sua vida pública ajudou na nomeação da função de instrutor público, também seria a causa da sua destituição. Terceiro Neto (1999: 204) destaca que:

Em 1892, governava a Paraíba Álvaro Lopes Machado, inaugurando a oligarquia dos Machado, que duraria por mais de vinte anos. Por motivos políticos, o governador removeu o adversário Clementino Procópio para São João do Rio do Peixe. Casado, com encargo familiares, diretor e principal mestre da escola que fundara, além de advogado provisionado, não iria ele deixar Campina Grande para atravessar todo o sertão e ficar exilado nos confins da Paraíba, vivendo à mercê do emprego de professor.

Com a mudança do regime político no Brasil de monarquia para república, os conservadores paraibanos, antes contra a mudança, aderiram rapidamente ao novo regime temendo perder os privilégios conseguidos na monarquia. Essa tendência também foi seguida pelo Professor Clementino Procópio que acompanhou a decisão do Dr. Antônio da Trindade Antunes Meira Henriques, no qual o docente era correligionário político. Todavia, os ânimos políticos mudariam a partir de 1892 na Paraíba quando as duas antigas facções políticas da monarquia, liberais e conservadores, formariam os quadros do Partido Republicano da Paraíba e o Partido Autonomista. Esse último era formado por insatisfeitos da base política do ex-presidente da Paraíba, Venâncio Neiva que acabara sendo destituído por Floriano Peixoto e em seu lugar foi nomeado Álvaro Lopez Machado, que compunha a antiga base do Partido Liberal na época do período monárquico. O novo presidente, buscando centralizar o seu governo buscou afastar de cidades importantes para sua administração opositores por meio de decretos, entre eles Clementino Procópio que não aceitara a remoção

imposta pelo governo em razão de possuir, em terras campinenses, outras atividades, que não permitiam que o mesmo deixasse a cidade, inclusive a direção do seu estabelecimento de ensino, o educador preferiu não se prender ao cargo e afrontou o presidente estadual com a emissão de um decreto.

Clementino Procópio baixou, também, um decreto nos seguintes termos: “o professor público, vitalício da cidade de Campina Grande, resolve nesta data remover o Presidente do Estado Dr. Álvaro Lopes Machado, para igual cargo no Estado do Sergipe. Cumpre-se”. Meteu-o em um envelope de ofício e remeteu para o presidente, que em resposta, nomeou um professor para o substituí-lo e não mais lhe pagou os vencimentos por alguns anos (PROCÓPIO, 1962: 22).

O decreto emitido pelo professor não possuía nenhum valor institucional ou jurídico, porém, foi uma forma irônica de contestar a posição do presidente da província da Paraíba. A vida pública do Intelectual, mais uma vez, afetaria o magistério, por desavenças políticas, Clementino Procópio, seria afastado da instrução pública, por aderir aos autonomistas em razão da filiação do líder político a qual o mesmo era correligionário. Contudo, o docente continuaria a exercer o ofício de educar o alunado na iniciativa privada, no seu estabelecimento de ensino, a qual o mestre se dividiu entre a instrução pública e a particular no período que esteve atuando como servidor do governo.

No período em que o Intelectual esteve longe da função de professor de primeiras letras, a câmara campinense elaborou uma investigação sobre as condições higiênicas e de frequência de alunos tanto na rede pública como na particular de ensino da cidade (ALMEIDA, 1979). Foi evidenciado o descaso que era tratado à educação pública no município, as aulas eram ministradas em lugares insalubres, com poucas acomodações para o alunado. Além de fraudes que foram constatadas pela comissão no ensino do sexo masculino, o professor admitia possuir 29 alunos matriculados, todavia, quando a investigação da câmara municipal esteve no estabelecimento de ensino testemunharam a

existência de quatro alunos. Para a comissão da câmara de Campina Grande, a escola pública para o sexo masculino “Regida pelo professor Justino Erico Machado, era a negação absoluta do fim a que se destina” (ALMEIDA, 1979: 315). Ao fim das averiguações, a comissão encaminhou um ofício para o presidente do estado da Paraíba pedindo a substituição do professor Justino Erico e de providências para instrução pública da cidade, esse ofício foi encaminhado em outubro de 1897. Um ano antes em 16 de abril de 1896 era:

[...] reintegrado o cidadão Clementino Gomes Procópio, professor público vitalício, do ensino primário, na cadeira do mesmo ensino da cidade de Campina Grande, ficando sem efeito a portaria de 16 fevereiro de 1893 pela qual foi removido da referida cadeira (JORNAL UNIÃO, 1896: 787).

Clementino Procópio seria readmitido na administração do presidente Álvaro Machado, mesmo após os acontecimentos que culminaram na sua demissão. O intelectual foi restituído ao cargo e recebeu, posteriormente, os vencimentos atrasados pelo tempo que ficara afastado do ofício. Todavia, o presidente tinha nomeado outro professor para ficar no lugar de Clementino Procópio, sendo que a cidade de Campina Grande só possuía nessa época por decreto, duas cadeiras isoladas uma para o sexo masculino e outra para sexo feminino (ALMEIDA, 1979). O afastamento do professor Justino Erico, alvo de crítica da câmara campinense, promoveu a volta do professor Clementino Procópio a educar os alunos do município. A reparação, por parte do presidente Álvaro de Machado partiu de uma visita à cidade. Segundo Procópio (1962: 22-23):

Álvaro de Machado resolveu fazer uma visita a Campina Grande, que estava tornando vulto de grande cidade, ganhando forma de município próspero. Os amigos prepararam grandes festas para receber o presidente e acharam que o discurso de saudação deveria ser pronunciado pelo professor Clementino Procópio,

que aceitou a incumbência, sem constrangimento. A recepção foi realmente brilhante e o discurso de saudação agradou, excedendo a expectativa de todos. De volta a capital, o presidente recompôs a situação, fazendo o professor voltar à sua cadeira, pagando os vencimentos retidos.

A referência feita pelo autor no início dessa citação dar conta de um momento histórico em que a cidade começava a despontar como um centro comercial do algodão, que diariamente chegavam à cidade vários fardos do produto mal imprensado para ser comercializado (SILVA, 2000). Os campinenses viviam em finais do século XIX ainda em um período de transição de vila à cidade, todavia já se observava mudanças no espaço urbano do município que carecia de um maior apoio governamental. Em busca do suporte do poder público estadual, Clementino Procópio discursou saudando o presidente em favor de benefícios para a cidade que o acolheu, deixaria de lado os seus interesses e os problemas que teve com presidente Álvaro de Machado.

Nas reivindicações do mestre escola não poderia deixar de lado a precariedade da instrução pública da cidade, e os estabelecimentos em que funcionavam as escolas. Um ano mais tarde seria formada uma comissão que denunciaria, em certo sentido, a fragilidade do ensino público campinense, sendo enviado ao governante estadual um relatório das precariedades. Clementino Procópio já tinha alertado o presidente Álvaro Machado em seu discurso, que foi de suma importância para recuperação do seu cargo público. Porém, demoraria algumas décadas para o educador receber os vencimentos do período em que ficara afastado da sua ocupação. Só a lei nº 582 de 30 de outubro de 1923 redigida pelo Presidente Estadual Sólon de Lucena efetivaria o pagamento.

Fica o presidente autorizado a rever a aposentadoria do professor Clementino Gomes Procópio, fixando-a em um conto e seiscentos mil réis, bem como a mandar pagar-lhe três contos e seiscentos mil réis, correspondentes ao prazo de três anos contados de 16 fevereiro de 1893 a 17 de fevereiro 1896, em que esteve afastado do exercício das suas funções, por força

de uma remoção ilegal (LIVRO DE LEIS E DECRETOS DO ESTADO DA PARAÍBA, 1923: 17).

O presidente Sólon de Lucena conclui que se faça cumprir os termos que foram homologados, e que o educador seja pago imediatamente, após algumas décadas de espera. Na mesma gestão desse presidente foi inaugurado o primeiro grupo escolar da cidade que recebeu o nome do benfeitor. A visita do presidente Álvaro de Machado aos cidadãos campinenses só seria benéfico para o professor Clementino Procópio, que recuperaria seu cargo de professor público, já que o administrador do estado só escutou os elogios que o mesmo fizera e esquecera os pedidos de melhoria urbana e de recursos para educação da cidade até o pagamento dos vencimentos do mestre pelo período em que ficara afastado da sua função, acabaram sendo esquecidas, mesmo com a homologação no diário oficial e a publicação no jornal do governo do estado. Só uma lei, décadas depois, iria reparar esses erros de um passado de um educador que se envolvera ativamente na política local, ficando várias vezes entre a vida pública e o magistério. Todavia, a educação sempre pesava na balança de Clementino Procópio que, ao lado de sujeitos importantes da sociedade campinense, idealizaram a construção de um educandário em finais do século XIX: o Grêmio de Instrução.

Instruindo os Jovens Campinenses

Vale rememorar a história do “Grêmio de Instrução”, um esforço dos campinenses, natos e adotivos do fim do século. Sem ajuda estranha, contando só com os próprios recursos, resolveram fundar um educandário de ensino médio, provido das disciplinas exigidas para o ingresso nas escolas superiores (ALMEIDA, 1979: 324).

Surgia dessa maneira o Grêmio de Instrução de Campina Grande, um empreendimento nascido do esforço de alguns moradores da cidade que tomaram para si a construção do prédio que abrigaria a princípio os alunos do

ensino primário. A iniciativa para construção do prédio partira do coronel Cristiano Lauritzen no período em que foi intendente do município no começo da república (ALMEIDA, 1979). O seu intuito era construir um prédio com uma boa estrutura para abrigar as escolas públicas da cidade (ensino primário), porém, o seu mandato acabou antes da conclusão da obra. Já quase na virada do século XIX para o XX, com a ajuda de alguns amigos, seria concluído o prédio que se transformaria no educandário do Grêmio de Instrução.

O prédio que, a princípio, abrigaria as escolas municipais, ganharia um novo destino com intuito de preparar a mocidade do município para na carreira universitária. Já que os jovens da cidade, para dar continuidade aos estudos, tinham que estudar em outras cidades, com o Grêmio de Instrução os jovens de Campina Grande não precisavam mais sair da cidade para a concretização dos seus estudos. O coronel Cristiano Lauritzen se sentiu constrangido com o destino que seria dado ao prédio, já que sua intenção era tirar as escolas públicas do município dos espaços precários em que funcionavam. Mas, aceitou o novo destino, em razão da unanimidade dos sócios da agremiação que foram favoráveis ao novo destino do educandário (ALMEIDA, 1979).

Entre os sócios fundadores da agremiação estavam Clementino Procópio, que participara ativamente da instituição formando a equipe dirigente do educandário, além de também fazer parte do corpo docente da instituição, ministrando aulas na cadeira de português. O esforço feito por todos os sócios para que o Grêmio de Instrução tivesse vida longa na história de Campina Grande, barrou na filantropia do empreendimento, a iniciativa de uma parte da elite campinense de fundar um estabelecimento de ensino que pudesse suprir a necessidade da sua juventude, sem nenhum apoio do poder público em que os responsáveis seriam os seus próprios fundadores acabou fracassando, após dois anos da sua fundação em 1899. Desta maneira, Almeida (1979: 338) o Grêmio de Instrução:

Chegou ao fim no ano de 1901. Realizaram-se os exames e entraram os alunos em férias. Entrou em crise agônica o “Grêmio de Instrução”. Outros membros da diretoria alegando motivos ponderáveis, solicitam eliminação. Não havia na cidade elementos capazes para preenchimento dos claros. Escasseavam professores idôneos. Reuniram-se os sócios para o encontro da solução definitiva. Reconhecida a inviabilidade das medidas aventadas, desfeitas todas as esperanças, aceitaram contristados a providência inapelável. Resolveram dissolver a sociedade, fechar as portas do educandário, entregar o prédio a prefeitura.

Os motivos para o fim do Grêmio de Instrução se deram por questões financeiras, os associados sentiram no bolso a dificuldade de manter a instituição e acabaram decidindo por sua dissolução. Porém, Clementino Procópio, permaneceu nutrindo o desejo de que a cidade para se desenvolver precisava do ensino secundário. Assim, após a sua aposentadoria da instrução pública arrecadaria investimentos privados e públicos para transformar o seu estabelecimento de ensino no ano de 1910 em colégio, manteria o seu nome de batismo São José, o educandário possuiria externato e internato, para receber alunos da região que poderiam se preparar na sua instituição para a faculdade. Apesar de o colégio ser uma instituição privada o mestre aceitava alguns alunos em que os pais não podiam pagar a mensalidade “para ensinar grátis as crianças pobres” (PROCÓPIO, 1962: 23).

A diligência do educador ajudaria a modernizar a educação na cidade de Campina Grande que, aos poucos, ganharia educandários com estruturas melhores do que o colégio do mestre-escola, todavia, “o exemplo de Clementino Procópio foi seguido pelo colégio Alfredo Dantas e, depois pelos não menos famosos, como Pio XI, Colégio das Damas e, posteriormente, o Estadual da Prata” (DINOÁ, 1993: 250).

Clementino Procópio faleceu no ano de 1935, seu enterro foi acompanhado por cerca de cinco mil pessoas. De acordo com a matéria póstuma publicada pelo jornal A União, “O comercio cerrou as suas portas logo que teve

conhecimento do justo ao acontecimento. A família do extinto tem recebido numerosos telegramas de toda parte do Nordeste. O tumulo de grande morto ficou coberto de flores e cordas mortuárias” (A UNIÃO, 1935: 3). As homenagens prestadas pelos cidadãos campinenses refletem a importância de Clementino Procópio que enquanto Intelectual engajado nas relações políticas e sociais de Campina Grande lutou pela melhoria da educação tanto nos anos finais do século XIX quanto durante as primeiras décadas do XX, contribuindo desta maneira para que a educação galgasse seus primeiros passos rumo à modernização.

Referências

- ALMEIDA, Elpídio de (1978). *História de Campina Grande*. 2ªed. João Pessoa, EDUFPB.
- ANDRADE, Vivian Galdino de (2014). *Alfabetizando os filhos da rainha para a civilidade/modernidade: o Instituto Pedagógico em Campina Grande – PB (1919-1942)*. Tese (Doutorado em história). Universidade Federal da Paraíba – UFPB. – João Pessoa - PB.
- ARANHA, Gervácio Batista (2003). *Seduções do moderno na Parahyba do Norte: Trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)*. In. Alarcon Agra do Ó (Org.). *A Paraíba no Império e na República*. 3ª Ed. Campina Grande. EDUCG, (Págs. 67/112).
- ARAÚJO, Silvera Vieira de (2010). *Dispensando o feioso: a construção da higiene estética de Campina Grande (1930-1960)*. Dissertação (Mestrado em história). Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. – Campina Grande.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade* / Marshall Berman; São Paulo: Companhia da Letras, 1986.
- CABRAL FILHO, Severino (2009). *A cidade revelada*. Campina Grande em imagens. Campina Grande, Edufcg.
- CAMARA, Epaminondas (1988). *Datas Campinense*. Campina Grande: Ed. Caravela.

_____ (2006). *Os Alicerces de Campina Grande: esboço histórico-social do povoado e da Vila (1697 a 1864)*. Campina Grande, Ed. Caravela.

DINOÁ, Ronaldo (1993). *Memórias de Campina Grande*. 2º Volume. 1. João Pessoa – PB, n/d.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a Análise do Discurso em Educação*. Faculdade de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: *Cadernos de Pesquisa*, n.114, p. 197 – 223; Novembro / 2001.

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder: Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In. ___. *Microfísica do poder*. Roberto Machado (Org.). – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970* / Michel Foucault; Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

LAMARÃO, Julieta Botafogo (2011). *Um Resgate Historiográfico da Condição Educacional Feminina do Brasil Colônia ao Final da primeira República*. Rio de Janeiro, UERJ.

NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes (1997). *Disciplina e espaços: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX*. Recife, 1997. Dissertação (Mestrado em história). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife – PE.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira (2002). *Da era das cadeiras isoladas á era dos grupos escolares na Paraíba*. Campinas, SP, Autores Associados.

PROCÓPIO, Severino Gomes (1962). *Meu Depoimento: Revolta de Princesa Revolução 1930*. João Pessoa – PB, Gráfica Imprensa.

SILVA, Maria Raquel (2011). *Civilizando os filhos da “Rainha”, Campina Grande: modernização, urbanização e grupos escolares (1935 a 1945)*. Dissertação (Mestrado em história). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa.

SILVA, Paloma Porto (2010). *(DES) Alinhando Alguns Fios da Modernidade Pedagógica: um estudo sobre as práticas discursivas em torno da educação infantil em Campina Grande – PB (1919 – 1945)*. Dissertação (Mestrado em história). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa.

SILVA, Josefa Gomes de Almeida e (2000). Raízes Históricas de Campina Grande. In: SILVA, Josefa Gomes de Almeida e. *Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande*. Campina Grande, PMCG, p:13-27.

SILVA FILHO, Lino Gomes da (2005). *Síntese Histórica de Campina Grande, 1670-1963*. João Pessoa, Editora Grafset.

SILVEIRA, Regina Paula Silva da (2012). O papel de Elpídio de Almeida para a construção da história de Campina Grande. IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa – *Anais Eletrônicos*. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/1.3.pdf> Acesso em: 29/08/2015.

SIRINELI, Jean-François (2003). Os intelectuais. In. RÉMONDE, René. (org.). *Por uma História Política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro, Editora RGV.

SOUZA, Eliezer Felix & CAMPOS, Névio de. *O debate educativo Nacional no discurso de intelectuais do Diário dos Campos (1907-1928)*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.42, p. 113-132, jun2011 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/42/art07_42.pdf. Acessado em: 14/07/2016.

TERCEIRO NETO, Dorgival (1999). *Paraíba de Ontem, Evocações de Hoje*. João Pessoa, Gráfica Santa Marta.